

UMA ABORDAGEM COGNITIVO-FUNCIONAL: UMA PERSPECTIVA SINCRÔNICA DA COMPETIÇÃO PELO USO NAS CONSTRUÇÕES [XMENTE]

Giselly Duarte Ferreira da Fonseca (FFP-UERJ)
giselly.duarte@gmail.com

RESUMO

O objetivo do estudo dessa pesquisa é investigar, em uma perspectiva sincrônica, as construções em [Xmente] no português do Brasil via gramaticalidade e construcionalidade. Nos pautamos no arcabouço teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), pontuando os principais conceitos que este campo de pesquisa pressupõe, almejamos analisar a competição pelo uso dessas construções. Para isso, coletamos dados do NURC, com o intuito de analisar a competição pelo uso decorrente dessa construção. Nos propomos à reflexão acerca das propriedades esquematicidade, produtividade e composicionalidade nessa construção, além das categorias mais relevantes para esta pesquisa, a saber, a categorização, a analogia e o *chunking*. Vale ressaltar que, tratamos a língua como prática social centrada na interação durante o ato comunicativo. Acreditamos na importância da nossa análise linguística para compreendermos os usos das estruturas linguísticas, além de mostrar aos falantes o acesso a uma variedade de colocações que o sistema linguístico admite.

Palavras-chave:

Construções. Gramaticalidade. Sincrônica. Competição pelo uso.

1. Introdução

O objetivo geral desta pesquisa é analisar conceitos da Linguística Funcional centrada no uso (doravante, LFCU), refletindo sobre as necessidades comunicativas dos usuários da língua, utilizando investigações da linguagem em uso. Embasados em pressupostos funcionalistas como Bybee, Hopper, Traugott, Trousdale, o nosso intuito é mostrar como os seres humanos empregam a linguagem de modo eficiente, de tal modo que, possamos contribuir para a descrição do uso do português falado no Brasil. Em uma perspectiva sincrônica, a gramaticalização é dada como um fenômeno pragmático que precisa ser investigado a partir dos usos da língua. O presente artigo se trata de uma coletânea de dados retiradas no NURC para analisarmos e compreendermos as construções em [Xmente].

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), “as mudanças são sempre manifestadas na variação linguística. Isso significa que, em

qualquer momento do tempo, as construções em mudança contribuem para a gradiência do sistema”. Assim, reitera-se a importância dos estudos sincrônicos, pois são eles que manifestam o estado atual das construções e a gradiência do sistema. Nesse modelo centrado no uso, a língua é um sistema de uso eficiente que satisfaz as necessidades, tanto comunicativas, quanto cognitivas dos seus usuários. Além disso, traz a noção de uma gramática dinâmica, pois se encontra em *continuum* de variação e mudança com o intuito de atender às pressões presentes no ato comunicativo.

2. *Pressupostos teóricos*

Destinamos esta seção à apresentação do arcabouço teórico que orientam a nossa reflexão em relação aos pontos principais desta pesquisa, a qual é vinculada a uma perspectiva funcionalista centrada no uso. Aqui abordaremos os pressupostos que norteiam esta pesquisa: Elizabeth Traugott, Sandra Thompson, Joan Bybee, William Croft, Paul Hopper e Adele Goldberg.

A LFCU também é conhecida como Linguística Cognitivo-Funcional (TOMASELLO, 2003; FURTADO DA CUNHA, 2012). Conforme Martellota (2011), a LFCU é uma abordagem que trata da afinidade entre a estrutura da língua e o uso que os falantes fazem dela em contextos reais de comunicação, dando menor ênfase aos traços formais e, incorporando em suas análises, aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos, cujo principal objetivo é analisar a língua sob o ponto de vista do contexto linguístico dos usos e das situações comunicativas extralinguísticas.

Neste trabalho se faz imprescindível darmos atenção aos aspectos semântico-pragmáticos e discursivos, pois eles sofrem influências pelo meio social dos usuários da língua. Assim, defendemos a ideia de o contexto também deve ser observado, visto que uma situação comunicativa específica tende a motivar o uso de uma forma linguística por parte de um falante. Nesta vertente temos a união dos conhecimentos desenvolvidos pelas pesquisas de alguns dos Funcionalistas, como Talmy Givón, Elizabeth Traugott, Sandra Thompson, Paul Hopper, Wallace Chafe, dentre outros; e cognitivistas, como Ronald Langacker, George Lakoff, Adele Goldberg, e outros. Aqui, trataremos a linguagem como um fenômeno de interação e de atividades socioculturais (THOMPSON; COUPER-KUHLEN, 2005; FUR-

TADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2014). Segundo Bybee (2010), a LFCU simplesmente se fortaleceu do Funcionalismo norte-americano e é apenas um novo nome dado para ele.

Vale ressaltar que Cordeiro & Bispo (2017) entendem por Martellota (2011) que na abordagem funcionalista a compreensão de gramática é dada como um conjunto de padrões linguísticos que é fortemente suscetível e afetado pelo uso. Por isso, acreditamos que é o discurso que origina a gramática, em um *continuum* de forma e função. Croft (2001) afirma que em uma dada construção, estão associadas as dimensões da forma e da função e que ambas estão conectadas por um elo de correspondência simbólica. Desse modo, a forma é atribuída às propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, ao passo que a função às propriedades semânticas, discursivas e pragmáticas. Destacamos que, as construções são assim chamadas, pois são pareamentos de forma e sentido.

Quando falamos de gramática, somos partidários da opinião de que esta não possui somente uma dimensão formal, mas sim que há simultaneamente a dimensão semântica e a pragmática (OLIVEIRA, 2010). A LFCU (BYBEE, 2010; 2015; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013) insere a semântica e a pragmática em seus estudos e propõe não só que o sentido é construído de forma dependente do contexto, mas também que os aspectos culturais intervêm diretamente no modo como construímos e moldamos os enunciados. Sobretudo, para essa teoria, tanto a estrutura quanto a regularidade da gramática estão sendo sempre moldadas por meio da interação no discurso, tornando-a um fenômeno sociocultural. Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções são estabelecidas por meio de pareamentos convencionizados de forma e de função.

Trataremos agora das influências Funcionalistas e Cognitivistas, como esta é uma corrente de base cognitivista, a teoria presente mostra a observação da construção gramatical, e por ter uma base funcionalista, logo notamos a motivação pragmática das alternâncias construcionais das posições dos sintagmas, como por exemplo, (i) João bateu forte no Pedro; (ii) João bateu fortemente no Pedro. Gramaticalmente falando, as duas sentenças são utilizadas e aceitas na Língua Portuguesa, pois sintaticamente não há diferença entre elas. Todavia, sob uma ótica Funcionalista, notamos que ambas são alternativas para uma mesma estrutura, visto que as duas orações apresentam um sujeito e um objeto afetado.

De acordo com Junqueira (2015), essa abordagem cognitivo-funcional dá relevância ao contexto em todos os processos de significação, dando destaque aos mecanismos de mudança para que seja possível entender o fenômeno da linguagem. Além disso, pelo fato de essa corrente ser o resultado das pesquisas cultivadas pelos teóricos da Linguística Funcional em concomitância com os da Linguística Cognitiva, faz com que essa teoria carregue traços de ambas as vertentes. Por isso, ao passo que esta procura compreender o modo como o comportamento linguístico reflete as capacidades cognitivas que estão ligadas ao processo de *categorização*, dando grande importância às experiências de mundo e as culturais, aquela realiza uma interação entre gramática e discurso e, por conta disso e das peculiaridades discursivas, afirmamos que ela está continuamente em processo de mudança. Rosário e Oliveira (2016) ressaltam que a linguagem é uma atividade sociocultural, a sua estrutura está ligada com as funções cognitivas e comunicativas. Além disso, o paradigma do uso aponta que a nossa capacidade de usar a língua é orientada por habilidades meramente cognitivas.

Desse modo, tomamos o discurso como o uso criativo da língua que é inserido em diversos contextos durante uma comunicação ativa; ao passo que, a gramática, é composta de algumas combinações de unidades fixas e convencionalizadas. Assim, ela é considerada como uma estrutura em constante mudança e adaptação, em decorrência das diversas possibilidades de um discurso.

De acordo com Martellota (2011), quando nos comunicamos com outros falantes, nós não utilizamos apenas frases isoladas, mas construímos um gênero próprio, produzimos um discurso coeso e coerente que reflete não só a nossa intenção comunicativa, como a nossa preocupação com o efeito que essa informação terá sobre o receptor, nomeamos esse conceito de *informatividade*. Desse modo, o que falamos tem uma organização básica, que reflete o modo de construir significação junto com o nosso interlocutor. Martelotta e Palomanes (2013) afirmam que no momento da interação o falante não é visto apenas como manipulador de regras preestabelecidas, mas sim como aquele que produz significados em situações comunicativas nas quais interage com interlocutores reais na produção de discursos.

Ademais, a busca pela compreensão da significação impossibilita a exclusão do falante e o ouvinte, tornando os elementos linguísticos a se adaptarem as diferentes intenções comunicativas. Furtado

da Cunha (2013) admite que para a LFCU a gramática se adapta a partir do uso, em situações efetivas de comunicação, e que a gramática é consequência direta da regularização de estratégias comunicativas de referências cognitivas e interacionais. Assim, essas regularidades são elucidadas por meio das condições discursivas em que um determinado uso linguístico ocorre, assim como pelas pressões cognitivas envolvidas.

Na LFCU, a gramática é vista como uma ferramenta de uso dinâmica, já que se encontra em constante processo de variação e mudança para atender às necessidades cognitivas que podem surgir durante o ato comunicativo. A *gramaticalização*, por exemplo, é um dos fenômenos dos processos de variação, podendo se manifestar tanto por uma abordagem sincrônica quanto diacrônica, seja na função de modo discursivo-pragmático ou ainda, semântico-cognitivo ou na forma pelos níveis fonológico ou morfossintático (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). A gramática é vista como a forma cognitiva que os falantes fazem com o uso da linguagem, visto que esta linguagem é uma atividade sociocultural (FERREIRA DA SILVA, 2014). Devido a essa dinamicidade da gramática, dizemos que na LFCU a estrutura da língua surge ao passo que ela é utilizada pelos falantes (BYBEE, 2010, 2011). Os estudos na LFCU priorizam os elementos externos como a fala, os participantes envolvidos, o canal de comunicação, o propósito comunicativo, o contexto, entre outros fatores, ou seja, os estudos dessa vertente não podem se desvincular do uso e de fatores externos, pois esses elementos compõem o ato comunicativo. A gramaticalização (HOPPER; TRUGOTT, 2003; TRUGOTT; DASHER, 2005; HEINE; KUTEVA, 2007, apud CAMPOS, 2011) é quando um sintagma aparentemente livre assume função gramatical dentro de um determinado contexto e quando já gramatical, assume função ainda mais gramatical.

Costa & Furtado da Cunha (2016) comungam da visão de Hopper (1998) ao considerar que a gramática e o discurso são determinados um pelo outro, a gramática, então, não se estabiliza totalmente, permanece, portanto, em constante mudança, por isso, chamamos de *gramática emergente*. Acreditamos que a gramática é afetada diretamente pela experiência dos usuários com a língua e incorpora tanto a semântica e quanto a pragmática à análise das construções, abrangendo seus interesses além do morfossintático. A língua,

por sua vez, é contextualizada nos discursos por meio das experiências dos falantes com o mundo.

De fato, é inegável que nos estudos da LFCU analisamos a língua em situações reais de comunicação, dando importância ao contexto, aos propósitos discursivos e pragmáticos e, sobretudo, a competência linguística do falante. Melhor dizendo, nessa vertente, a língua é vista como um sistema de uso, especialmente, com o intuito de atender as necessidades tanto cognitivas quanto comunicativas dos falantes. É, ainda, o estudo do significado e do uso de uma linguagem durante a interação (DILLINGER, 1991). Além disso, compreendemos que a nossa experiência exerce uma função importante no modo como constituímos cognitivamente o nosso pensamento, e por isso, nós o estruturamos em níveis fonético, fonológico, morfológico, pragmático, semântico e sintático (FUMAUX; ALONSO; CEZARIO, 2017). Consideramos que a linguagem é um instrumento de interação social.

Uma das principais categorias de análise que a teoria centrada no uso se propõe a explicar é a mudança linguística a partir do fenômeno da gramaticalização de construções, que aborda as relações entre uso, cognição e gramática, vinculando os pressupostos teóricos da Linguística Funcionalista com os da Cognitiva. Este processo mostra o aspecto não-estático da gramática, evidenciando que a língua está em constante mudança devido à criação de novas expressões no repertório dos falantes. Ambas são fenômenos relacionados à regularização de usos linguísticos. Todavia, devido a extensão dessa pesquisa, somente nos cabe mencionar a gramaticalidade.

Como nesse trabalho, utilizamos uma perspectiva sincrônica, nos cabe aqui, falar sobre a construcionalidade e gramaticalidade. Destacamos, que a sincronia precisa de estabilidade, variabilidade e mudança (micropassos). Segundo Rosário e Lopes (2019) os estudos de que tem uma base diacrônica, ao longo dos anos se aperfeiçoaram ao ponto de dar conta de pesquisas sincrônicas. A gramaticalidade trata de um *cline*(trajetória) sincrônico que é estabelecido pelos diversos graus de granularidade, geralmente feito com referência aos graus de fusão ou abstratização das estruturas (FERREIRA DA SILVA, 2014), ou seja, estamos falando de graus de gramaticalidade. Já a construcionalidade é a relação sincrônica dada entre construções, assim, duas construções A e B apresentam horizontalmente um grau de parentesco, a construção menos esquemática é associada vertical-

mente a uma ou mais construções mais esquemáticas. As relações horizontais são estabelecidas entre microconstruções no mesmo nível hierárquico. Ao passo que, as relações verticais são dadas por intermédio de diversos níveis de esquematicidade em uma determinada rede construcional (ROSÁRIO; LOPES, 2019). Desse modo, damos o nome construcionalidade à categoria analítica que descreve as relações horizontais e verticais entre construções em um plano sincrônico. Segundo Goldberg (1995),

Se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989). Aspectos pragmáticos de construções envolvem características da estrutura de informação, incluindo tópico e foco, e, além disso, aspectos estilísticos da construção, como registro. (GOLDBERG, 1995)

É importante para os objetivos desse trabalho entendermos melhor o conceito de construções linguísticas. Segundo Goldberg (1995), as construções geralmente se associam a uma família de diversos sentidos, porém relacionados, formando uma rede inter-relacionada¹. Além disso, segundo a autora, qualquer elemento formal, diretamente associado a algum sentido, é considerado uma construção gramatical, por isso, há um modelo de gramática baseada em construções, chamada de Gramática das Construções (GC), em que acredita que em uma concepção de que a língua é um conjunto de construções, ou seja, um pareamento de forma e de função.

Nessa perspectiva, o processo de gramaticalização diz que, geralmente, as construções menos esquemáticas tendem a ser mais esquemáticas, ou seja, quanto mais esquemática uma construção, maior a chance dela se tornar produtiva. Todavia, a construção [Xmente], mesmo depois de gramaticalizada, manteve seu nível de esquematicidade, mas perdeu a composicionalidade, que é a capacidade do falante em reconhecer as partes que compõem a construção podendo perder a analisabilidade, ou seja, o esvaziamento semântico dessas partes (CAMPOS, 2013). Bybee (2003), por sua vez, define gramaticalização como a criação de novas construções. Segundo Hudson (2007, apud CESÁRIO, CAMPOS; SANTOS, 2018), uma construção pode derivar de uma ou mais construções por meio de rede de heranças

¹ Tradução livre de: “constructions are typically associated with a family of distinct but related senses, forming an interrelated network” (1995).

múltiplas. Segundo Traugott e Trousdale (2013 *apud* CUNHA, SILVA; BISPO, 2016), quanto mais esquemática é uma construção, mais alta ela se situará em uma hierarquia de inter-relação com outras construções de nível inferior e mais abstrata ela será (um esquema).

Variação, mudança e estabilidade estão presentes nas construções linguísticas e estão relacionadas à atuação de processos cognitivos de domínio geral (MARQUES; PINTO, 2016). Os usos linguísticos são fortemente marcados pela sistematicidade e pela complexidade. Assim, não podemos deixar de mencionar os processos cognitivos de domínio geral mencionados por Bybee (2010) que são identificados como: categorização, *chunking* (agrupamento), memória enriquecida, analogia e associação transmodal. Sendo (i) categorização o emparelhamento de identidade que ocorre quando uma palavra é associada a uma representação estocada; (ii) *chunking* é um processo de domínio geral pelo qual as unidades que são usadas juntas se combinam para formar unidades mais complexas (a interação do *chunking* com a categorização que dá a sequências convencionais graus variados de analisabilidade e composicionabilidade); (iii) memória enriquecida se refere a estocagem mental de detalhes da experiência com a língua (a categorização é o processo pelo qual as memórias enriquecidas são); (iv) analogia, é o processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias (analogia requer categorização); (v) associações transmodais, fornecem o elo entre significado e forma, ou seja, é a habilidade que os falantes têm de associar forma e significado. As categorias mais relevantes para esta pesquisa são a categorização, analogia e o *chunking*, que serão desenvolvidas mais detalhadamente em nossa metodologia e análise de dados.

A maioria das construções são parcialmente esquemáticas. Por isso, quando duas ou mais palavras são frequentemente usadas juntas, elas desenvolvem uma relação sequencial conhecida como *chunking*. Desse modo, a frequência com que as sequências de unidades são utilizadas têm um impacto em suas propriedades fonéticas, morfosintáticas e semânticas. Por isso, as construções geralmente têm suas partes fixas, que são essenciais para o estabelecimento do feixe de exemplares, assim o significado de uma construção também é representador por um feixe de exemplares que são construídos pelo acesso ao significado dos itens lexicais utilizados mais o significado total do contexto (BYBEE, 2010). Assim, sequências que são utilizadas juntas

com alta frequência tendem a ser acessadas como uma única unidade, como em [Xmente].

Conforme Bybee (2010), o membro mais frequente de uma categoria é tido como o centro dela e, então, outras construções surgem por analogia ao membro mais central. É pelo processo de analogia que novos enunciados são formados baseados em enunciados anteriores. A analogia depende da categorização, pois as ocorrências anteriores devem ser analisadas em unidades que são categorizadas antes que novos enunciados sejam efetivados. Destacamos que os fatores da construcionalidade são os mesmos da construcionalização, a saber, esquematicidade, produtividade e composicionalidades são relevantes para a descrição científica. Esses três fatores estão envolvidos nos tipos e fases da mudança.

A esquematicidade é dividida em graus de especificidade e está relacionada às características cognitivas de categorização. Para alguns autores, os esquemas linguísticos são dados como abstratos, isto é, um grupo de construções com uma semântica geral e lexical, ou seja, há construções muito esquemáticas e abstratas, como há construções mais ou menos esquemáticas. Assim, sua gradiência tem a ver com os níveis de especificidade da construção. Em [Xmente], consideramos que é uma construção a nível intermediário, pois há uma parcela a ser preenchida (X) e outra parte já preenchida por mente. Assim, a esquematicidade é dada à medida que verifica se uma construção é totalmente preenchida, é parcialmente preenchida, como as construções analisadas aqui em [Xmente] ou ainda, totalmente esquemática, sem material fônico (CESÁRIO; CAMPOS; SANTOS, 2018).

A produtividade é um fenômeno gradiente e está relacionada com as possibilidades de frequências em uma construção. A distinção entre frequência de ocorrência (*token frequency*), está relacionada ao número de vezes que uma mesma unidade ocorre, e frequência de tipo (*type frequency*), aos tipos de elementos que preenchem os slots² de uma construção, ou seja, é a medida em que verificamos se ao longo do tempo ocorreram mais tipos de elementos preenchendo os slots de uma construção, que é a frequência de tipo ou a frequência de ocorrência, em que se analise se construção em si aumentou a sua frequência (CESÁRIO; CAMPOS; SANTOS, 2018).

²Slots é a parte mais esquemática de uma dada construção, ou ainda, é o espaço a ser preenchido.

A composicionalidade sofre diminuição no processo de construcionalização, pois esse fator está ligado ao significado da construção e está relacionado ao significado de suas partes, sendo este um fator gradiente, além disso, diz respeito ao grau de transparência entre forma e sentido. De modo que, se um construto não for semanticamente composicional, haverá incompatibilidade entre o significado dos elementos individuais e o significado do todo, por isso, é necessário verificar a possibilidade de compreender o sentido de uma construção analisando o sentido das partes que a compõem (MARQUE; PINTO, 2016), ou seja, na composicionalidade verificamos se é possível ou não compreender o sentido de uma construção analisando-se o sentido das partes que a compõem (CESÁRIO; CAMPOS; SANTOS, 2018), ou melhor, diz respeito ao grau em que o elo entre forma e função é transparente (CUNHA; SILVA; BISPO, 2016).

3. Metodologia e análise de dados

Por meio da leitura conjunta de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mariangela Rios de Oliveira, Mario Eduardo Martellota, Edvaldo Balduino Bispo, José Romerito Silva e outros autores estabelecemos um *corpus* da construção [Xmente]. Neste trabalho analisaremos essa construção nos contextos de uso, escolhemos trabalhar com o gênero textual em que essa estrutura se faz mais recorrente, ou seja, nas transcrições de diálogos do NURC (conversa). Nosso objetivo é analisar os usos da construção [Xmente], observando, a partir dos pressupostos da LFCU, os fatores envolvidos na competição pelo uso dessas construções, que são motivadores de variação e mudança linguística.

Para descrever e explicarmos o funcionamento da língua baseada no uso que os falantes fazem no momento da interação, a LFCU tem, primeiramente, que levar em conta os contextos comunicativos em que esse uso se manifesta. Com base em análises é possível verificarmos os padrões que se fazem recorrentes durante o discurso. Acreditamos que a frequência de uso gera mudanças, pois o usuário fixa o uso no repertório, desse modo, a repetição leva ao enfraquecimento da força semântica, ou seja, a generalização. Essa perda semântica leva ao emprego das construções em outros contextos, estabelecendo uma possível mudança semântica. Assim, selecionamos

como corpus algumas das ocorrências da construção [Xmente] coletadas do NURC.

Na LFCU, fazemos relações entre forma e função por meio de análises embasadas em contextos linguísticos e extralinguísticos. Isso é, são as expressões situadas em um contexto real e concreto que fornecem os dados para a descrição do funcionamento linguístico. Por conseguinte, esses fenômenos linguísticos derivam de um quadro pragmático, no qual a semântica e a sintaxe têm grande importância. Para explicar o fenômeno de mudança linguística, a LFCU, analisa a frequência e os usos das formas da língua atrelados a fatores cognitivos. A frequência de uso de uma construção leva ao estabelecimento de determinada característica no repertório do falante e a torna uma unidade de processamento, o que resulta no falante utilizar os recursos gramaticais para atingir seus objetivos comunicativos (CUNHA & BISPO, 2013).

Segundo a gramática normativa (GN), [Xmente] é um sufixo adverbial, no entanto, nessa pesquisa de base funcionalista mostraremos que eles se comportam e se manifestam em diferentes modos como expressões não sufixais. Os advérbios em [Xmente], como: apressadamente, claramente, dificilmente, felizmente, francamente, sinceramente, lentamente, entre outros, são formados a partir da forma feminina de adjetivos, mas ao se juntarem com o sufixo “-mente”, se tornam advérbios de modo, ou seja, nenhuma dessas palavras era advérbio, eram adjetivos. Desse modo, temos uma construcionalização, que consiste na formação de um novo pareamento de forma e função, ou seja, uma nova forma com uma nova função. Conforme o conceito de categorização, as construções são categorias formadas a partir de itens que ocorrem em *slots* de construções esquemáticas, mas que são semanticamente definidos (CAMPOS, 2013). Conforme Bybee (2010), o membro mais frequente serve como o membro central da categoria e as novas expressões tendem a ser formadas por analogia com o membro mais frequente³.

(...) uma vez que o esquema, o subesquema e a microconstrução já se distinguem em termos de propriedades estruturais e gradiência. Assim, o esquema diz respeito ao formato mais geral e inespecífico de uma dada construção, com maior número de slots a serem preenchidos, enquanto

³ Tradução livre de: “the more frequent member serves as the central member of the category and that new expressions tend to be formed by analogy with the more frequent member” (2010).

subesquemas tendem a apresentar formalmente menos *slots* e mais subpartes fixas; já as microconstruções situam-se como estruturas compostas por *types* especificados e individuais. (OLIVEIRA, 2019)

Há um padrão cognitivo mais geral, em que qualquer adjetivo feminino e singular pode figurar na lacuna X da construção [Xmente], que é constituída também pela parcela “-mente” preenchida. No momento em que uma construção alcança esse nível de abstração, não é possível mais dizer que se trata de um sintagma adjetival, pois perde-se o *status* de forma independente, perde conteúdo semântico e por conseguinte, sofre mudança categorial. Ressaltamos que o [Xmente] já está completamente estabelecido em nossa língua e, por isso, não nos cabe analisarmos qual elemento iniciou este padrão de uso (CAMPOS, 2013).

O *chunking* está relacionado à mudança sintática no que diz respeito à ordem dos elementos que constituem a construção [Xmente], pois o que antes eram dois *chunks* distintos – um adjetivo e o substantivo mente –, passou a se aproximar cognitivamente e no nível de decodificação linguística (CESÁRIO; CAMPO; SANTOS, 2018). Quanto à categorização, quando ocorre mudança em diferentes níveis da gramática, o falante da língua começa a categorizar a construção não mais como duas categorias estanques, em que uma qualifica a outra. Mas sim, ao passo que ele percebe o contexto de atuação da construção e a similaridade dele com outra categoria, passa a compreendê-la como um advérbio.

Há aumento de produtividade, pois elementos não esperados tendem a ocorrer no *slotX*, por analogia, tornando a construção mais produtiva; quanto ao aumento de esquematicidade, cada vez mais elementos passam a ser aceitos no que, inicialmente, somente adjetivos compatíveis com a semântica de mente poderiam figurar, levando o falante a criar um padrão mais abstrato; ao passo que, há uma perda de composicionalidade, por conta do *chunking*, visto que o usuário não reconhece mais as partes que compõem o padrão [Xmente]; mas passa a acessar um único todo cognitivo (CESÁRIO; CAMPOS; SANTOS, 2018). É importante salientar que, quanto mais abstrata a construção, isto é, quanto mais *slots* ela possui, maior se torna o seu grau de esquematicidade, em [Xmente], notamos que houve um aumento de produtividade e por conseguinte, gerando um aumento de esquematicidade.

Vejamos as amostras, retiradas do Projeto Norma Linguística Urbana Culta (doravante, NURC):

- (A) (...) você entra **diretamente** na porta pra subir o elevador ou há alguma parte assim de frente no edifício? (NURC-RJ, INQ. DID 48) (grifo nosso)
- (B) (...) O preço **atualmente** não está fácil e não ... (NURC-RJ, INQ. DID 48) (grifo nosso)

Em (A), podemos substituir [diretamente] por [direto], sem que haja mudança de sentido na frase, e em (B), podemos substituir, sem nenhum problema, [atualmente] por [atual], ou ainda, [na atualidade]. Desse modo, temos funções correspondentes, ou seja, duas ou mais formas de dizer a mesma coisa. Chamamos essa possibilidade de camadas e afirmamos que essas camadas competem ou em algum momento, naturalmente, vão competir pelo uso, não é um processo de escolha.

- (C) (...) esta fase é em que... **novamente**... a burguesia toma as rédeas do poder e a França (...) (NURC-RJ, INQ. EF. 382) (grifo nosso)
- (D) (...) ele tem uma visão **inteiramente** diferente (...) (NURC-RJ, INQ. EF. 364) (grifo nosso)
- (E) (...) **inicialmente**... era um homem só... Henry Ford... que controlava(...) (NURC-RJ, INQ. EF. 364) (grifo nosso)
- (F) (...) você não consegue mudar **rapidamente** (...) (NURC-RJ, INQ. EF. 364) (grifo nosso)

Esses exemplos foram retirados de elocuições formais (EF) do NURC. Em (C), analisamos que [novamente] pode ser substituído pela locução adverbial [de novo] e, também é possível que haja uma substituição por [outra vez] ou [mais uma vez], ou seja, podemos substituí-lo por, pelo menos, três padrões construcionais. Assim, a construção passa a competir também com outros padrões adverbiais, como em (D), já que [inteiramente] pode ser substituído por [completamente], [totalmente], [absolutamente], e outros. Ao passo que em (E), [inicialmente] pode ser alterado por [de início] ou ainda [primeiramente], como nos exemplos citados anteriormente. Em (F), [rapidamente] está competindo com [com rapidez], [velozmente], ou seja, só neste caso, temos outros dois padrões construcionais competindo com [rapidamente].

- (G) É um lugar sem dúvida aprazível. Dali, como disse **inicialmente**, a vista é, é muito bonita (...) (NURC-RJ, INQ. DID. 114) (grifo nosso)
- (H) É um, um bairro **essencialmente** residencial não é comercial em Cachambi (...) (NURC-RJ, INQ. DID. 114) (grifo nosso)

Em (G), notamos que [essencialmente] pode ser substituído por [a princípio] ou ainda, por outra construção em [Xmente] como [primeiramente]. Em (H), podemos trocar o vocábulo [essencialmente] por [principalmente] ou [especialmente] sem que haja perda de sentido. Assim, nos exemplos supracitados, notamos que é possível mudar a forma de uma construção sem alterar o seu sentido.

De fato, as construções [Xmente], nos permitem um leque de possibilidades, entre as microconstruções, porém, cabe ao usuário da língua escolher qual padrão utilizar em um determinado contexto, se prefere uma formular uma frase com advérbio, adjetivo, ou ainda com uma locução adverbial. De fato, há uma competição pelo uso na forma da construção. Quando optamos por usar construções em [Xmente] notamos que essas formas são, geralmente, utilizadas como modificadoras de adjetivos ou verbos. Nas construções [Xmente], consideramos que ela é mais ou menos esquemática, pois possui uma parcela a ser preenchida e outra parte já preenchida pelo elemento mente.

Produtividade, segundo Traugott e Trousdale (2013 *apud* CUNHA; SILVA; BISPO, 2016), se relaciona ao grau com que uma construção mais esquemática admite outras menos esquemáticas, além disso, é uma propriedade gradiente ligada às frequências de tipo e de ocorrência. Bybee (2010) denomina a frequência de tipo e relaciona com conceito de produtividade, ou seja, ao aumento de categorias que se juntam à rede de uma dada construção, que são configuradas novas relações semânticas e sintáticas não previstas na relação prototípica forma-função dessa construção. Desse modo, a língua admite uma rede de construções interconectadas (CUNHA, SILVA & BISPO, 2016). Conforme Bybee (2003 *apud* GARCIA, 2017) o desenvolvimento de novas formas não é somente o resultado do processo de mudança, mas sim um dos fatores que favorece o desenvolvimento do processo.

4. Considerações finais

Ao final desse trabalho, algumas considerações são necessárias. Primeiramente, é de grande importância destacar os limites dessa pesquisa. Diante de tudo o que foi exposto, acreditamos na relevância deste trabalho, na medida em que procuramos trazer expressões linguísticas usuais em contextos de interação e pelo fato dos estudos que falam sobre essas expressões serem mínimo. Por isso, é tão importan-

te que façamos cada vez mais pesquisas que investiguem esse tema. Apesar do recorte realizado ter sido baseado apenas em alguns autores pressupomos que as noções básicas da LFCU foram relevante-mente abordadas. Nesse sentido, notamos a importância da análise linguística em uma abordagem funcional para compreendermos os usos das estruturas linguísticas, além de mostrar aos falantes o acesso a uma variedade de colocações que o sistema linguístico admite. Acreditamos, portanto, na seriedade deste trabalho, pois segundo Dik (1977 *apud* Neves 1997), o maior interesse de uma linguística funcionalista está nos processos ligados ao êxito dos falantes ao se comunicarem usando expressões linguísticas no ato comunicativo.

Constatamos também que apesar do corpus desta pesquisa ser relativamente pequeno e muito específico, este estudo pode contribuir para a caracterização do português brasileiro, já que, como referido anteriormente, os estudos sobre as expressões ainda são muito poucos, e por isso, se faz tão necessário que haja mais pesquisas que tragam relevância sobre esse tema. Em síntese, esperamos ter demonstrado que de fato com o passar do tempo, a frequência de uso de uma expressão vai se fixando e se enraizando no repertório dos falantes. Por isso, tratamos a língua como prática social centrada na interação durante o ato comunicativo. Vale ressaltar que a nossa proposta de análise foi apenas pautada nos fenômenos linguísticos efetivados pelos falantes no momento de interação, sem nos preocuparmos com a gramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, J. *Usage-based the or and grammaticalization*. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 69-78

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. *Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency*. In: JOSEPH, B.D.; JANDA, R.D. (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 336-57

CAMPOS, J. L. *A gramaticalização da construção xmente: uma história do latim ao português*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2013, 111fl. Dissertação de Mestrado em Linguística.

_____. A origem latina dos advérbios em -mente: um processo de gramaticalização. In: *Guavira Letras*, v. 13, p. 109-23, 2011.

CEZARIO, M. M.; CAMPOS, J. L.; SANTOS, M. P. K. Construções em competição: Fenômenos Revisitados. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Edvaldo Baduíno Bispo; José Romerito Silva. (Org.). *Variação e mudança em perspectiva funcional*. 1. ed. Natal: UFRN, 2018, v. 1, p. 137-66

CORDEIRO, F. S.; BISPO, E. B. Aspectos funcionais da construção nominalizadora de particípio presente. In: *Revista do GELNE*, v. 19, p. 39-52, 2017.

COSTA, S. P. T. da S.; FURTADO DA CUNHA, M. A. O ensino da transitividade verbal no nível médio: uma proposta centrada no uso. In: *Holos* (Natal. *On-line*), v. 2, p. 271-80, 2016.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DILLINGER, M. Forma e função na Linguística. In: *DELTA*, v. 7, n. 1, p. 397-407, São Paulo, 1991.

DIK, C. S. *The theory of functional grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1977.

FERREIRA DA SILVA, A. A gramaticalidade da expressão ‘foi quando’. In: *Entrepalavras*, v. 4, p. 99-117, 2014.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funcional). In: SOUZA, M. M. *et al.* (Org.). *Sintaxe em foco*, v. 1, 1. ed. Recife: UFPE, 2012. p. 31-54
_____; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. In: *Revista do GELNE*, v. 15, p. 49-74, 2013.

_____. Linguística funcional centrada no uso e ensino de português. In: *Gragoatá*, Niterói, v. 19, n. 36, p. 80-104, 2014.

_____. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. In: *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 55-67.

FUMAUX, N. C. A.; ALONSO, K. S.; CEZARIO, M. M. C. Construcionalização de um monte de sn: uma abordagem centrada no uso. In: *Percursos Linguísticos* (UFES), v. 7, p. 139-58, 2017.

GARCIA, D. M.; SOUSA, G. C. Construcionalização e mudança construcional de locuções conjuntivas em português: o caso de 'na hora que'. In: *REVISTA LINGÜÍSTICA*, v. 14, p. 232-250, 2017.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Oxford: University Press, 2007.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 155-75

_____; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

OLIVEIRA, M. R. Contribuições da linguística funcional ao ensino de língua portuguesa. In: *II Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*, v. 1. 2010, Natal. A linguística funcional em perspectiva. Natal: Edufrn, 2010. p. 125-52

_____; ROSÁRIO, I. da C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: *Alfa*, São Paulo, 60 (2), p. 233-259, 2016.

_____; ARENA, A. B. O viés funcional do pareamento simbólico função <> forma na abordagem construcional da gramática. In: *Revista SOLETRAS*, v. 1, p. 30-58, 2019.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*, v. 1. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem).

_____; RIBEIRO, R. M. P. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 177-92

MARQUES, P. M.; PINTO, D. C. de M. Gramática como rede: relações entre construções. In: *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 128-38.

RODRIGUES, Violeta V. *A função dos vocábulos em -mente na fala culta carioca*. Dissertação de mestrado, UFRJ/ Letras, 1994.

ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. In: *Revista SOLETRAS*, v. 37, p. 83-102, 2019.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: A usage based theory of language acquisition*. 2003. Cambridge: Harvard University Press.

THOMPSON, S. A.; COUPER-KUHLEN, E. The clause as a locusof-grammarandinteraction. In: *Discourse Studies*, v. 7, n. 4-5, p. 481-506, 2005.

TRAUGOTT, E; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford, Oxford University Press. 2013.

_____; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.